

## Batman chega ao cinema: estereótipo e xenofobia em *O Morcego*<sup>1</sup>

André Luiz de Albuquerque AZENHA<sup>2</sup>  
Jamer Guterres de MELLO<sup>3</sup>

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

### RESUMO

O *Morcego*, primeira adaptação para o cinema do personagem Batman, foi uma minissérie em 15 episódios exibida em matinês cinematográficas em 1943. Apesar de ter sido produzida com baixo orçamento pela *Columbia Pictures* – até mesmo para os padrões econômicos da época –, ainda assim fez bastante sucesso ao criar uma rivalidade entre o herói e um vilão japonês, interpretado por um ator norte-americano. Este artigo tem o objetivo de fazer um resgate histórico do contexto da época e de investigar de que forma a série acabou contribuindo para a xenofobia nos Estados Unidos em relação à população do leste asiático, reforçando determinados estereótipos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; xenofobia; estereótipo; Batman; *O Morcego*.

### INTRODUÇÃO

O personagem Batman surgiu na revista em quadrinhos *Detective Comics* número 27, cuja capa tem data de maio de 1939, mas chegou às bancas cerca de dois meses antes. Logo em seguida o herói tornou-se um dos mais importantes das histórias em quadrinhos, ao lado do Superman – ambos publicados pela então editora *National Comics* que, anos depois, passaria a ser chamada de *DC Comics*, nome utilizado até hoje. Ainda em 1939, eclodiu a Segunda Guerra Mundial, com a invasão da Polônia pela Alemanha Nazista em 1º de setembro daquele ano e as subsequentes declarações de guerra contra a Alemanha pela França e pela maioria dos países do Império Britânico.

Em seus primeiros anos, Batman perseguia ladrões e mafiosos. Mas às 8h de 7 de dezembro de 1941, os Estados Unidos, até então um país neutro em relação à guerra, foi

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM). E-mail: [jornalista.andrezenha@gmail.com](mailto:jornalista.andrezenha@gmail.com).

<sup>3</sup> Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM), doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS). E-mail: [jamermello@gmail.com](mailto:jamermello@gmail.com).

---

atacado pelo Japão na base naval de Pearl Harbor, em Honolulu, no Havaí. No dia seguinte os Estados Unidos entraram formalmente no conflito.

O envolvimento americano era esperado havia muito tempo – especialmente no mundo das revistas em quadrinhos, em sua maioria com equipes de jovens que provavelmente seriam chamados para servir nas Forças Armadas (ROBB, 2017, p. 85).

Logo, as histórias em quadrinhos, nos Estados Unidos, passaram a mostrar seus super-heróis enfrentando vilões do Eixo: alemães e japoneses, principalmente.

Em geral, os vilões dos quadrinhos americanos dos anos 1940 não foram muito inspirados por figuras da vida real como Hitler e Stalin, porém, ao contrário, exploraram caricaturas alimentadas por conceitos jingoístas amplamente difundidos dos inimigos da nação, especialmente os nazistas e os japoneses. (...) foi muito fácil para as revistas em quadrinhos ridicularizar os inimigos nipônicos como ‘japas’ sob a aparência de ‘racismo patriótico’ (ROBBS, 2017, p. 93).

Batman seguiria o caminho dos vilões estereotipados. Não aparecia lutando corpo a corpo com Hitler, como aconteceu com o Capitão América ou o Tocha Humana, mas seria um importante veículo de propagação do sentimento patriótico nos Estados Unidos.

Ao longo da Segunda Guerra Mundial, muitas capas de *Detective Comics*, *Batman* e de *World's Finest* retratam Batman e Robin em cenário azul, vermelho e branco, do tipo que podia ter sido recortado de cartaz de propaganda belicista: montados na águia americana ou em canhões de encouraçado, propagandeando os títulos do governo para “você financiar a guerra”, plantando um jardim da vitória, etc. (WELDON, 2017, p. 44).

Desde a popularização das histórias em quadrinhos, os heróis dos gibis passaram a ser adaptados para o cinema com muita frequência. Era o período das matinês cinematográficas. Quando famílias passavam a tarde em uma sala de projeção para assistir cinejornal, curta-metragem, episódio de série e um longa-metragem. Era uma diversão de custo acessível, bastante popular. E os produtores de Hollywood aproveitaram para utilizar essa ampla adesão em prol da propaganda de guerra. Um exemplo é a série de curtas em animação *Superman*, dos irmãos Fleischer, exibidos entre 1941 e 1943 e que apresenta inimigos japoneses.

Figura 1 - Superman enfrenta inimigo japonês na cinessérie dos anos 1940.



Fonte: Reprodução do DVD da animação.

(,,) em 16 de julho de 1943, Batman estreava nas telonas (...). A Columbia produziu 15 episódios de Batman, a cinessérie, e ela se tornou um dos chamarizes essenciais das matinês nos tempos de guerra, repleta de cenas de luta, fantasias baratas (...), maniqueísmo bem discutível. (WELDON, 2017, p. 45).

Batizada no Brasil de *O Morcego*, a série coloca Batman e Robin contra o vilão Dr. Tito Daka, interpretado por J. Carrol Naish. O vilão é líder de um grupo de traidores decididos a estabelecer o controle japonês sobre a América, vivendo em um esconderijo subterrâneo dentro de uma casa de diversão. Não faltam palavras ofensivas ditas por Batman, Robin e outros personagens contra os japoneses. A série fez muito sucesso e Batman voltaria aos cinemas em outra cinessérie, em 1949, com outros atores interpretando os protagonistas. No entanto, *O Morcego* voltaria a ser exibida em sessões da meia-noite, em 1965, em maratonas com todos os episódios, intitulada *Uma Noite com Batman e Robin*. O público lotou as sessões não por conta da qualidade da produção, mas porque a achava engraçada. Os produtores da Fox, conscientes deste sucesso, produziram no ano seguinte a série televisiva *Batman*, que durou três temporadas e deu origem à primeira *Batmania*<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> *Batmania* é um termo cunhado por Billy Joe White no início de 1960 e o título de seu influente fanzine dedicado às histórias em quadrinhos do Batman. O nome seria uma referência ao termo então proeminente *Beatlemania*, usado para descrever o impacto dos Beatles na cultura popular. Quando White publicou *Batmania* pela primeira vez, o interesse do público pelo personagem estava em baixa. Entretanto, devido às mudanças creditadas em grande parte ao editor da

---

A série *O Morcego* nem sempre é lembrada como a primeira adaptação audiovisual do Batman. Não faltam posts e textos na internet que se referem originalmente a Adam West, o Batman da série televisiva dos anos 1960, ou até a Michael Keaton, protagonista de dois longas-metragens lançados com sucesso no cinema em 1989 e 1992, em duas superproduções dirigidas por Tim Burton, como as primeiras aparições do personagem no cinema. Curiosamente, foi *O Morcego* quem apresentou o mordomo Alfred como alguém magro e de bigode, além do conceito de Batcaverna, já que Batman aparece em uma caverna abaixo da mansão de seu alter ego Bruce Wayne. Conceitos estes que seriam canônicos na mitologia do personagem.

A cinessérie foi realizada durante a Segunda Guerra Mundial. Durante esse período foi frequente a utilização de sentimentos anti-germânicos e anti-nipônicos em obras cinematográficas. No caso de *O Morcego*, o segundo exemplo.

Também vale ressaltar que, naqueles anos, versões para o cinema de personagens das histórias em quadrinhos tomavam várias liberdades. Um exemplo é o Capitão América, de 1944, no qual o personagem da editora Timely Comics (futura Marvel Comics) ao invés de contar a história do soldado Steve Rogers, o Capitão América das HQs, retratava o protagonista como o promotor público Grant Gardner. Ao invés de utilizar um escudo, como na mídia impressa, o herói usava uma pistola.

Em *O Morcego*, por outro lado, não há tantas alterações em relações às histórias em quadrinhos. O cinto de utilidade está presente, mas não é utilizado, e fica subentendido que Batman é um agente secreto do governo, ao invés de um vigilante independente. Esta última mudança foi devido à censura do filme, que não permitiria que o herói fizesse justiça com as próprias mãos.

Uma das mudanças mais perceptíveis é a falta de um Batmóvel. A produção sofreu com um orçamento baixo, assim como outras séries contemporâneas. Sequer foi tentado realizar uma versão do Batmóvel, portanto, um Cadillac preto foi utilizado por Bruce Wayne e Dick Grayson, como Batman e Robin. Alfred era motorista, também, da dupla dinâmica em ambas as identidades.

Há ainda, vários erros de continuidade nos episódios. Em uma cena de luta, Batman simplesmente perde a capa, para, logo em seguida, aparecer novamente com ela.

---

DC à época, Julie Schwartz, as vendas de quadrinhos aumentaram e o personagem construiu uma onda de popularidade que levou ao programa de televisão de 1966, transformando Batman em sensação popular não somente na tevê e nos quadrinhos, mas na venda de vários tipos de itens, de brinquedos a roupas e materiais escolares.

---

No sexto episódio, *Veneno Perigoso*, vemos cigarros caindo do bolso do protagonista. Apesar da falta de material disponível sobre os bastidores da produção, é possível entendermos que a falta de verba dificultava que mais as cenas fossem refeitas para evitar gastos com mais metros de película.

Mesmo assim, a Columbia investiu na divulgação, tratando *O Morcego* como sua maior produção até então e realizando uma campanha publicitária nos moldes de um longa-metragem. O sucesso influenciou as histórias em quadrinhos, com a inserção da Caverna do Morcego, batizada de Batcaverna, e da versão magra do Mordomo Alfred, no cânone do personagem.

### **O ESTEREÓTIPO NAS OBRAS AUDIOVISUAIS DE SUPER-HERÓIS**

As obras audiovisuais protagonizadas por super-heróis ganham cada dia mais espaço e espectadores, e tais histórias e personagens podem disseminar referenciais culturais e sociais que rapidamente se popularizam. Esta abrangência pode ter um forte impacto na concepção de mundo, visto que estas produções audiovisuais lideram recordes de bilheterias, têm público essencialmente jovem e estão entre os principais recursos de entretenimento atual. Desta maneira, conseguir analisar produções cinematográficas deste tipo de forma crítica, desconstituindo seus estereótipos, pode contribuir para uma reflexão deste universo e de quem o consome. Assim como pode ser uma interessante ferramenta a ser utilizada por educadores ao propor reflexões sobre este universo tão popular. A cinessérie *O Morcego* certamente contribuiu para que japoneses fossem vistos como pessoas malignas e sofressem preconceito na sociedade dos Estados Unidos no período pós Segunda Guerra Mundial.

Por isso, o primeiro passo a ser dado é compreender o contexto histórico no qual os signos selecionados para a análise se encontram (LARGER, 2004). Como o personagem selecionado é o Batman, é feito o recorte em seu momento nas histórias em quadrinhos e no cinema, duas das formas de entretenimento mais populares na primeira metade do século XX.

Na identificação do modelo heroico é necessário observar de que forma acontece a glorificação vinda do sacrifício individual do personagem, pelo bem da coletividade. Este conteúdo pode aparecer de forma mais óbvia que a média das produções, ou através de momentos mais ingênuos com conteúdo ideológico latente. Mas em ambos os casos o

---

desfecho final da produção conduz a uma moral, referencial de comportamento ou de pensamento para o público em geral (LARGER, 2004).

Já o conteúdo estereotipado pode ocorrer por questões ideológicas como por motivos técnicos. O reaproveitamento de figurinos ou o uso inadequado de itens de cenografia podem estar relacionados com um baixo orçamento da produção, mas neste momento da análise as aproximações culturais vindas de um uso inadequado de símbolos, contribui para a formação dos estereótipos. Por isso, é necessário compreender os bastidores da produção e é necessário conferir se os descuidos e adaptações estão igualmente presentes em outros personagens.

É importante ressaltarmos que o preconceito a povos asiáticos orientais não começa na Segunda Grande Guerra. O termo *perigo amarelo* (ou *terror amarelo* ou *espectro amarelo*), sendo metáfora racista que descreve os asiáticos orientais como um perigo ao mundo e a cultura do Ocidente. Podemos citar como exemplo o livro racista *A Maré Ascendente da Cor Contra a Supremacia Branca Mundial* (1920), de Lothrop Stoddard.

O sociólogo russo Jacques Novikow cunhou o termo no ensaio *Le Péril Jaune* (1897); mais tarde, o imperador Guilherme II da Alemanha (1888–1918) usou o racismo do perigo amarelo para incentivar os impérios europeus a invadir, conquistar e colonizar a China. Ou seja, já era algo inerente ao pensamento norte-americano antes da realização da cinessérie. E a guerra serviu para reforçar o sentimento anti-nipônico.

Em 1943, já estava estabelecido nas histórias em quadrinhos que o principal inimigo do Batman era o Coringa, personagem criado por Jerry Robinson, Bill Finger e Bob Kane e apresentado pela primeira vez na revista em quadrinhos Batman número 1, de abril de 1940. Trata-se de um personagem cuja adaptação para o cinema não precisaria de efeitos visuais completos, mas somente maquiagem. O vilão Dr. Tito Daka, da cinessérie, é um personagem maquiado, que faz uso da *yellowface* (o que detalharemos a seguir) e não era um vilão original das histórias em quadrinhos. O que evidencia a escolha, pelos produtores, de um vilão que pudesse retratar o “inimigo” dos norte-americanos da época, um japonês. Percebemos, assim, as ideologias dos produtores e do público-alvo, conforme explica Larger.

## **A XENOFOBIA EM O MORCEGO**

---

Desde muito cedo o cinema dos Estados Unidos mostra os estrangeiros, ou aqueles que não fossem brancos, de maneira caricata, como vilões, pessoas desprovidas de virtude e caráter. Um dos exemplos mais significativos é o filme *O Nascimento de Uma Nação* (D. W. Griffith, 1915), em que atores brancos fazem uso da *blackface*<sup>5</sup> para interpretar personagens negros, os vilões da história.

Para personagens asiáticos, adotou-se a prática da *yellowface*<sup>6</sup>. Atualmente esses artifícios caíram em desuso e são considerados, com justiça tardia, ofensivos, racistas e xenófobos. Estúdios como a Disney, em suas plataformas de *streaming*, atualmente colocam avisos sobre o conteúdo retrógrado e preconceituoso de suas obras antigas.

Nas primeiras décadas do século XX, *blackface* e *yellowface* foram recorrentes na indústria cinematográfica. Em 1943, Batman foi adaptado para o cinema e enfrentava um vilão japonês, interpretado por um ator norte-americano, fazendo uso de maquiagem, sobrancelhas postiças e muitos clichês.

Ao levarmos em consideração o significado de xenofobia como o sentimento de hostilidade e ódio manifestado contra pessoas por elas serem estrangeiras (ou por serem enxergadas como estrangeiras), percebemos como a cinessérie contribuiu para que o público dos Estados Unidos, naquele período, desenvolvesse ou confirmasse tal tipo de sentimento e atitude perante pessoas vindas do leste asiático – se levarmos em consideração que, para o norte-americano médio, japoneses, chineses, coreanos, vietnamitas, por exemplo, se enquadram todos dentro de um mesmo perfil, de viés preconceituoso.

Nos Estados Unidos, a xenofobia é uma pandemia em si, e suas causas e consequências passam pelo discurso. Quem afirma isso é a professora de psicologia da Universidade de Santa Clara, Sherry Wang. Depois de estudar a comunicação sobre doenças como Ebola, zika, HIV, entre outras, ela concluiu que os termos escolhidos para designar certos agentes, como o "vírus chinês", no caso do novo coronavírus, são um reflexo do preconceito enraizado na cultura estadunidense. (ORAZEM, Brasil de Fato, 2021).

No caso do vilão Doutor Tito Daka, de *O Morcego*, o ator J. Carrol Nailsh fala de maneira anasalada, seu personagem vive e trabalha num esconderijo dentro de um parque

---

<sup>5</sup> Prática na qual pessoas negras eram ridicularizadas para o entretenimento de brancos. Estereótipos negativos vinham associados às piadas, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Atores que se coloriam com o carvão de cortiça para representar personagens afro-americanos de forma exagerada, geralmente em shows norte-americanos.

<sup>6</sup> Forma de maquiagem teatral usada por artistas brancos para representar uma pessoa com etnia Leste Asiática ou Neo Oriental semelhante à prática de *blackface*.

de diversões, no subterrâneo, em Little Tokyo, chamado de *caverna dos horrores* pelo narrador dos episódios. Seu plano é transformar os inimigos em *zumbis*.

Sobre J. Carrol Nailsh (Figura 2) é preciso ressaltar que o ator interpretou personagens de diferentes etnias durante sua carreira: seria indicado ao Oscar naquele mesmo ano por interpretar o italiano Giuseppe, em *Sahara*, dirigido por Zoltan Korda e protagonizado por Humphrey Bogart, seria Charlie Chan na série de TV dos anos 1950 *As Novas Aventuras de Charlie Chan*, havia feito o pai chinês de Loretta Young, Sun Yat Ming em *Vingança de Buda* (1932), e seria um camponês mexicano em *A Morte de uma Ilusão* (1945), para citarmos alguns exemplos.

Figura 2 - J. Carrol Naish em dois momentos: o ator; o vilão Tito Daka, usando maquiagem, na cinessérie *O Morcego*.



Fonte: IMDB.

Em *O Morcego*, o vilão jamais sai de sua base e envia subordinados para executar os planos, o que leva o espectador a considerá-lo um covarde, já que nem estrategista é, pois sempre acaba sendo vencido por Batman e Robin. E o encontro presencial entre vilão e heróis só acontece no último episódio. Dentro de sua caverna dos horrores, costuma jogar os algozes aos crocodilos mantidos dentro de um alçapão. O que nos leva a enxergá-lo como alguém primitivo, impiedoso, diferente da *dupla dinâmica*, que trabalha junto à polícia e busca defender o *american way of life* (estilo de vida norte-americano).

O quarto episódio da cinessérie é simplesmente batizado de *Escravos do Sol Nascente* e mesmo Bruce Wayne, interpretado por Lewis Wilson, não se roga a ofender japoneses e considerá-los inferiores.

---

Em outro momento da série, um dos capangas de Daka lhe diz: "That's the kind of answer that fits the color of your skin" ("esse é o tipo de resposta que se ajusta à cor de sua pele"). Já a namorada de Bruce Wayne, Linda Page (Shirley Patterson), quando fica frente a frente com Daka não se roga a gritar ("um japonês!").

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito da sociedade norte-americana e, no ocidente, foi evidenciado mais uma vez recentemente, após o advento da pandemia do novo coronavírus. O ex-presidente Donald Trump chamou a covid-19 de "vírus chinês", termo repetido no Brasil por políticos de extrema-direita. Trata-se, assim, de um preconceito enraizado na cultura norte-americana, ligado à ideia de supremacia branca e que utiliza a desculpa de "patriotismo" para desenvolver uma narrativa de "nós contra eles". Promovendo, dessa maneira, consciente e inconscientemente, narrativas e políticas de exclusão.

O grande problema é o seguinte: aprender quais eram os objetivos das pessoas, seus valores, a fim de descobrir ou de retrodizer sua conduta. Isso significa que não escaparemos ao problema dos julgamentos de valor na história (VEYNE, 1987).

Se até hoje há este tipo de preconceito por parte do norte-americano branco, façamos um exercício e imaginemos aquele país na primeira metade do século XX, envolvido na Segunda Guerra e como imigrantes do leste asiático eram tratados. Estes mesmos imigrantes que contribuíram para ao desenvolvimento tecnológico da nação, não raras vezes submetidos a trabalhos sobrecarregados, na construção de linhas ferroviárias e tantas obras e que ainda assim eram marginalizados.

*O Morcego* não só deixa de ser lembrado por sua pobreza técnica e sua narrativa datada, ao apresentar um Batman de uniforme folgado, *chifrinhos* que caem pelos lados, cigarros que despencam do bolso do personagem quando ele escala uma escada de incêndio ou por que Batman e Bruce Wayne usam o mesmo automóvel, como se o protagonista não se preocupasse em esconder sua verdadeira identidade. Talvez os fãs simplesmente ignorem ou esqueçam de citar este Batman como o primeiro do cinema pelo constrangimento em ver como o roteiro era mergulhado em preconceitos que não são mais aceitos de modo geral e que podem, inclusive, prejudicar financeiramente estúdios que apostem ainda em visões reacionárias da sociedade.

---

O conteúdo da série não foi algo ao acaso. O cineasta Lambert Hillyer (1893-1969), responsável pela direção de todos os episódios e cujo currículo reúne mais de 50 trabalhos entre longas-metragens e cinesséries de 1917 e 1948, e que desenvolveu parceria com o ator caubói William S. Hart para uma série de faroestes que resultaram em fazer de Hart uma estrela, tinha experiência em realizar projetos a toque de caixa, com pouco orçamento, conseguindo realizar cenas de ação que atraíam o público e agradavam, assim, aos estúdios. Também trabalhou em tramas de propaganda de guerra. No mesmo ano da série, em 1943, ele foi responsável pelas cenas de combate aéreo do longa *Bombardeio*, apesar de não ser creditado.

Também não foi a primeira cinessérie a estereotipar pessoas do leste asiático. *Drums of Fu Manchu*, de 1940 e produzida pela Republic Pictures em 15 capítulos, vagamente baseada no romance de Sax Rohmer, e estrelada por Henry Brandon, William Royle e Robert Kellard, mostra o personagem-título, que lidera uma organização secreta em busca de conquistar o mundo, iniciando uma guerra na Ásia, e para isso tenta encontrar o cetro perdido de Genghis Khan.

A própria Columbia, de *O Morcego*, produziu em 1942 *The Secret Code* - dirigida Spencer Gordon Bennet e estrelada por Paul Kelly e Anne Nagel, apresenta o herói mascarado Comando Negro, que enfrenta sabotadores nazistas, inspirado pelo sucesso alcançado de *Spy Smasher*, da Republic Pictures, no mesmo ano. E não podemos esquecer da já citada *Superman*, dos irmãos Fleischer, que colocaram o primeiro super-herói da Era de Ouro enfrentando japoneses mostrados como incompetentes e desastrados.

Em *O Morcego* ainda nos deparamos com uma estátua gigante do Buda na femigerada Caverna dos Horrores Japoneses, o quartel-general do vilão cujo salão principal só é alcançado após uma as pessoas cruzarem um corredor repleto de estátuas de soldados japoneses. O último episódio não poderia ter título mais ufanista e xenofóbico, *A Destruição do Sol Nascente*. Batman, ou Bruce Wayne, caso existisse no mundo real, provavelmente teria vergonha ao assistir esta cinessérie mesmo que ela tenha contribuído em alguns aspectos para o cânone deste personagem octogenário e conhecido mundialmente.

Figura 3 - Mickey Rooney em *Bonequinha de Luxo*.

Fonte: IMDB.

Infelizmente o uso da *yellowface* continuaria até tempos recentes. Em *Bonequinha de Luxo* (*Breakfast at Tiffany's*, 1961) o caucasiano Mickey Rooney (Figura 3) interpretou o Mr Yunioshi. E, no Brasil, o ator Luís Mello foi escalado para viver um personagem de ascendência japonesa na novela *Sol Nascente* (2016), suscitando novas discussões sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

GOMBRICH, Ernst H. **The visual image**. Scientific American, v. 227, n. 3, 1972, pp. 82-97.

LANGER, Johnni. **Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos**. Revista História Hoje, v. 2, n. 5, 2004.

LEÃO, Rogério do Espírito Santo. **Propaganda de guerra: um campo de batalha discursivo**. Dissertação de mestrado – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

ORAZEM, Eloá. **Ódio contra asiáticos não é novidade nos EUA, e cresce com pandemia**. Brasil de Fato. 2021. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/25/odio-contra-asiaticos-nao-e-novidade-nos-eua-e-cresce-com-pandemia>.

ROBB, Brian. J. **A Identidade Secreta dos Super-Heróis: A História e as Origens dos Maiores Sucessos das HQs: do Super-Homem aos Vingadores**. Rio de Janeiro: Editora Valentino, 2017.

RODRIGUES, Pauline B. **Propaganda de guerra e publicidade: expectativas para a (re)conversão sócio-econômica estadunidense no fim da Segunda Guerra Mundial (1944-1945)**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

---

SALIBA, Elias Thomé. **As imagens canônicas e o Ensino de História**. Curitiba: Aos Quatros Ventos, 1999.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1987.

WELDON, Glen. **A Cruzada Mascarada: Batman e o Nascimento da Cultura Nerd**. Rio de Janeiro: Pixel, 2017.